

Igualdade XXI

Espaço de Divulgação das Actividades da Associação



Associação para a Igualdade e Direitos das Mulheres
(Delegação da Ilha Terceira)

Na primeira pessoa

Recente estudo realizado por Cristina Canavaro, "Gravidez e Maternidade na Adolescência", conclui que na Região Autónoma dos Açores a percentagem de mães adolescentes é duas vezes superior à média nacional.

Perante esta realidade alarmante, a UMAR – Açores considerou pertinente dar a conhecer na primeira pessoa uma das muitas histórias existentes de uma jovem que foi mãe aos 16 anos, Tânia Rocha.

Esta considera que a sua adolescência decorreu sem dificuldades; interessava-se pela escola, era sociável, namorava, as relações familiares eram estáveis, tinha inúmeros sonhos, entre eles ser professora de português e casar.

Engravidou devido a uma relação sexual desprotegida, que hoje assume como tendo sido um comportamento irresponsável, uma vez que além da gravidez poderia ter sido contagiada por uma doença sexualmente transmissível.

Apesar da sua tenra idade, Tânia aceitou bem a gravidez atribuindo esta reacção à inconsciência própria da idade, uma vez que desconhecia o leque de responsabilidades



parentais. Os seus familiares e companheiro reagiram positivamente dando todo o apoio de que esta necessitava, assim como também, nunca se sentiu discriminada pelo facto de ser uma jovem grávida, considerando-se assim uma excepção.

Toda esta situação gerou uma série de mudanças a nível social, pessoal e profissional. Apesar de ter concluído o

12º ano, abandonou o sonho de ser professora, afastou-se "involuntariamente" do grupo de pares, uma vez que o papel de mãe passou a ser prioridade, tornando-se rapidamente adulta.

Tendo em conta a sua experiência, Tânia afirma que deveria existir mais informação e prevenção no âmbito da gravidez na adolescência e das DST's nas escolas, uma

vez que "se tivesse tido este tipo de aulas e oportunidade de falar mais abertamente, talvez tivesse feito a diferença, pois é importante o diálogo e falar-se de pormenores que por vezes escapam ao senso comum (...). Com certeza teria sido diferente, provavelmente teria tomado mais precauções", no entanto esta acrescenta que não mudaria nada na sua vida. Também considera que os pais

têm um papel fulcral na educação sexual dos filhos, embora por vezes sintam dificuldades em admitir o seu crescimento. Nas palavras de Tânia "cabe aos pais pôr o assunto na mesa, para abrir caminho caso os filhos queiram falar".

Por fim, enfatiza o papel dos técnicos/as de saúde, que são essenciais na prevenção e acompanhamento destes casos, contudo considera que estes devem ter em atenção os juízos de valor que poderão emitir, que por sua vez, podem afectar negativamente a auto-estima das adolescentes. □

"(...) a Educação Sexual não ensina a ter relações sexuais, mas antes a ter relações responsáveis, o que significa muitas vezes adiar a sexualidade."

Daniel Sampaio

Para mais informações sobre este tema, sugerimos a consulta dos seguintes sites:

- http://familiasaop.pt/adolescencia/sexualidade/guia_para_pais

- www.apf.pt (Associação para o Planeamento da Família)

Carla Garcia, Educadora Social
Raquel Fontes, Psicóloga

Queixa das almas jovens censuradas

Dão-nos um liño e um canivete
e uma alma para ir à escola
mais um leiteiro que promete
raízes, hastes e coroa

Dão-nos um mapa imaginário
que tem a forma de uma cidade
mais um relógio e um calendário
onde não vem a nossa idade

Dão-nos a honra de manequim
para dar corda à nossa ausência
Dão-nos um prémio de ser assim
sem pecado e sem inocência

Dão-nos um barco e um chapéu
para tirarmos o retrato
Dão-nos bilhetes para o céu
levado à cena num teatro

Penteiam-nos os ardeus ermos
com as cabeleiras das avós
para jamais nos paremos
connosco quando estamos sós

Dão-nos um bolo que é a história
da nossa história sem enredo
e não nos soa na memória
outra palavra que o medo

Temos fantasmas tão educados
que adormecemos no seu ombro
somos vazios despovoados
de personagens de assombro

Dão-nos a capa do evangelho
e um pacote de tabaco
dão-nos um pente e um espelho
pra pentearmos um macaco

Dão-nos um cravo preso à cabeça
e uma cabeça presa à cintura
para que o corpo não pareça
a forma da alma que o procura

Dão-nos um esquife feito de ferro
com embutidos de diamante
para organizar já o enterro
do nosso corpo mais adiante

Dão-nos um nome e um jornal
um avião e um violino
mas não nos dão o animal
que espeta os cornos no destino

Dão-nos manjas de papelão
com caímba no passaporte
por isso a nossa dimensão
não é a vida, nem é a morte

Natália Correia, in
"O Nosso Amargo Cançãoeiro"

Workshop de Teatro d@ Oprimid@/Teatro Fórum



TEATRO Fórum



WORKSHOP de Teatro d@ Oprimid@

Entre os dias 3 e 6 de Outubro, teve lugar, no Edifício da Recreio dos Artistas, um Workshop de Teatro d@ Oprimid@, integrado no Projecto "Humanizar a Humanidade" da UMAR – Açores. O teatro d@ Oprimid@ é um instrumento de Transformação Social e de Resolução de Opressões, como as Desigualdades de Género, criado por Augusto Boal.

O Workshop foi realizado pelo formador/ curinga José

Soeiro e dinamizado por Judite Fernandes, da cooperativa cultural "As Descalças". Contou com a participação de quinze pessoas, com idades compreendidas entre 15 e 55 anos.

Durante o Workshop foram realizadas diversas dinâmicas de grupo de cariz lúdico, que permitiram aos/às participantes uma maior abertura e descontração, levando à partilha de momentos pessoais de opressão que já

viveram. Foram abordadas várias situações problemáticas, emergindo destas três temas escolhidos pelas pessoas que participaram: "relações familiares", "relações amorosas" e "relações entre pares". A partir destes assuntos, formaram-se três grupos distintos em que cada qual criou uma história para representar no Teatro Fórum. O objectivo desta forma de Teatro é transformar a cena e a realidade apresentada,

ou seja, procurar soluções para resolver os dilemas, problemas e/ou opressões apresentadas.

Desta forma, foram apresentadas três peças, tendo o público presente eleito a sua preferida para ser discutida/ solucionada a problemática em questão, que neste caso foi as "relações amorosas". Estiveram presentes cerca de meia centena de pessoas que aderiram com entusiasmo, tendo a oportunidade não

só de verbalizar a sua opinião, mas também de a demonstrar, tornando-se assim espectadores e espect-actrizes, ou seja, um público interveniente na peça.

Podemos concluir que o Teatro Fórum realizado foi de encontro aos objectivos iniciais, que eram os de sensibilizar a comunidade para situações de opressão e podemos afirmar que o público sentiu a urgência da acção para a mudança. □